

h468

Cariri-Xocós são vítimas da seca e discriminação

A tribo indígena de Porto Real do Colégio está passando por sérias necessidades e sofrendo discriminação dos agentes de saúde

Caique Marquez / Repórter

A seca que se abateu sobre o sertão alagoano vem fazendo cada vez mais vítimas da miséria no interior do Estado. A tribo indígena Cariri-Xocó, de Porto Real do Colégio, está passando por sérias necessidades e sofrendo até discriminação dos agentes da Fundação Nacional de Saúde (FNS), segundo informou o pajé Júlio Queiroz Zuíra.

A tribo dos índios Cariri-Xocó não são nativos da região alagoana. Estão espalhados por todo o Norte e Nordeste. Esse grupo de Porto Real do Colégio instalou-se na localidade há alguns séculos atrás, quando conseguiu a posse da terra oficialmente. Hoje mais de 400 famílias vivem assentadas na zona rural do município, passando fome e sede devido ao clima seco. O pajé informou que esteve em contato com autoridades do governo federal, reivindicando melhorias para a aldeia.

"Até o momento só recebemos conversa e nada de concreto. Queremos recursos para cultivar a terra e adquirir condições de vida digna. Nossa situação é milíndrosa, pois não há frentes de trabalho e estamos completamente abandonados, sem assistência de ninguém", desabafou Júlio Zuíra.

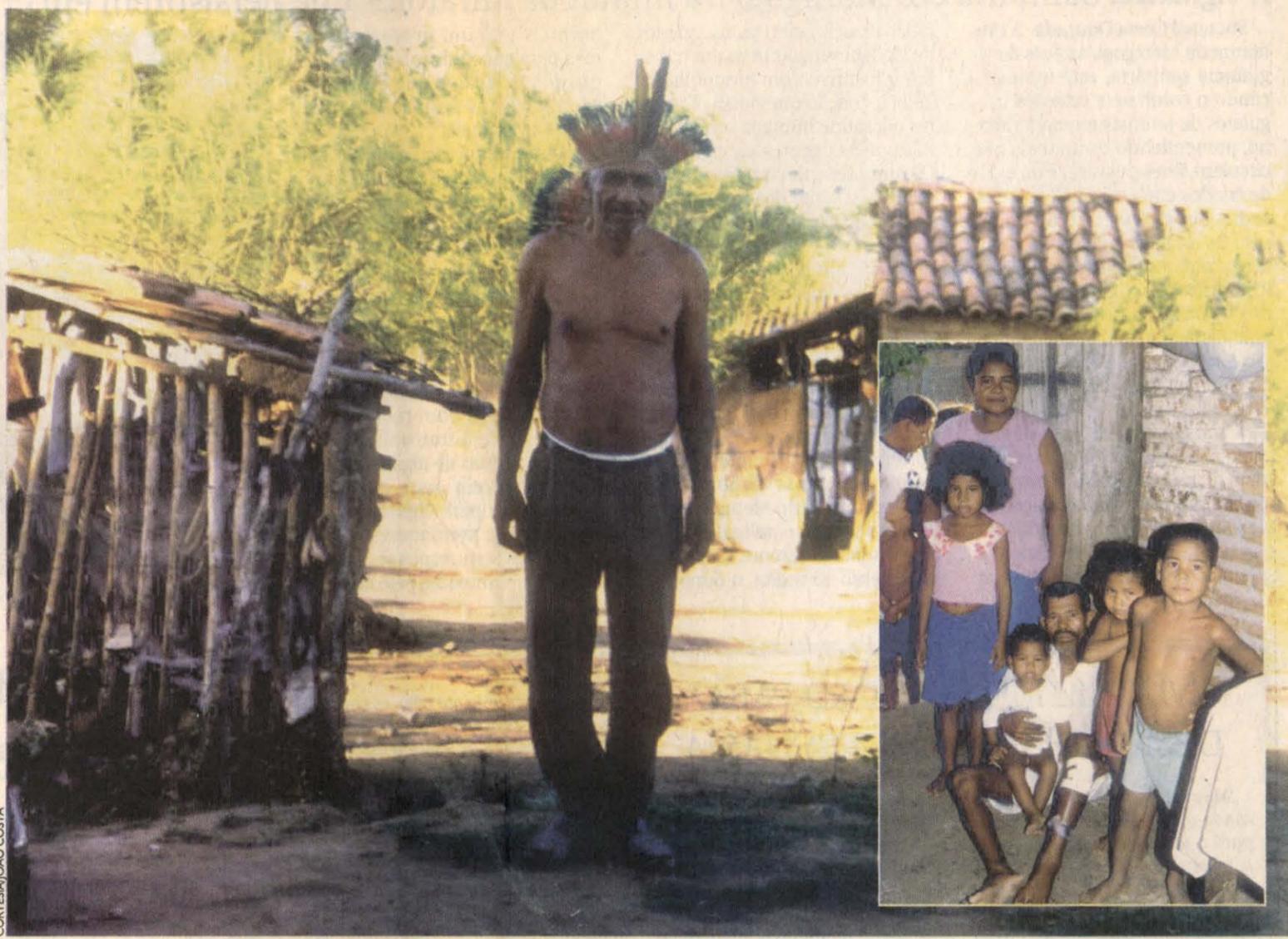
Irrigação

Apesar de a terra da região ser

considerada fértil e excelente para o plantio, os índios não conseguem tirar o sustento próprio para sobreviverem. De acordo com as informações do pajé, as lideranças da tribo estão trabalhando há tempos para tentar reverter essa situação. O rio São Francisco fica a 500 metros dos 600 hectares de área produtiva dos Cariri-Xocós, mas não há nenhum projeto de irrigação para o local.

Segundo o pajé Júlio Zuíra, existiu um projeto de irrigação para a tribo que ele considera que foi roubado. "O engenheiro da 5ª Superintendência Regional da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf) de Penedo, conhecido por Odilon, nos informou que a proposta elaborada por ele foi aprovada, mas não investiram nenhum centavo na nossa região", disse.

"O projeto foi para a superintendência da Codevasf em Recife, sob a competência da supervisora-geral Roseane. Ela recebeu a verba do governo federal para investir na nossa área de plantio, mas comprou todo o equipamento de irrigação sem dar satisfação ao engenheiro. Por conta disso comprou tudo errado e o material ficou encostado. Entretanto, Roseane disse à presidência em Brasília que o projeto já estava em pleno funcionamento", denunciou o pajé.



Pajé Zuíra Cariri-Xocó diz que sua tribo está abandonada pelas autoridades, deixando as famílias (destaque) passarem por necessidades

Indígenas pedem ajuda a ministro da Justiça

O vice-pajé, Francisco Queiroz Zuíra, informou que esteve em Brasília no início deste mês, com o objetivo de pedir ajuda ao ministro da Justiça Renan Calheiros, para fortificar a fábrica de cerâmica e tijolos que existe na localidade. A idéia é aumentar a produtividade da fábrica, que atualmente vende seu material apenas para alguns estabelecimentos de Maceió e Arapiraca. "Não temos onde alojar a produção e não existe divulgação e nem contrato com nossos clientes, pois não dispomos de CGC", explicou Francisco Queiroz.

Ele declarou que sem programas de irrigação, reflorestamento e transporte não há como perma-

necer na aldeia por muito tempo. "Só dispomos de um carro para atender a 400 famílias, além dos problemas já mencionados. O ministro alegou que está aguardando verbas para nos ajudar e a diretoria da Fundação Nacional do Índio (Funai) disse que não possui recursos no momento", ressaltou Queiroz.

Discriminação

O vice-pajé contou que o atendimento na área de Saúde não poderia estar pior, pois os agentes da FNS estão discriminando os índios. "Existem vários casos de médicos que se negaram a atender nosso povo. Minha mulher passou

por uma situação dessas essa semana, quando ficou na fila do posto de saúde do município por horas, juntamente com pessoas que não são índios, esperando atendimento. Na ocasião em que chegou sua vez, o médico Evanildo disse que não atendia mais ninguém naquele dia. Minutos depois uma pessoa da cidade chegou e foi imediatamente assistida pelo mesmo profissional", comunicou.

A Educação da tribo também deixa a desejar, conforme informou Francisco Queiroz. Ele revelou que existem duas professoras mantidas pela Funai ensinando na aldeia. Contudo, crianças com mais de 10 anos de idade ainda não aprende-

ram a ler e escrever sequer o nome.

Os profissionais da educação são todos leigos e o vice-pajé afirma que a Funai não está tomando nenhuma providência para capacitá-los. Além disso, merenda escolar nunca chegou à tribo dos Cariri-Xocós. "Precisamos de cerca de R\$ 200 mil para resolvermos nossos problemas e não dependermos mais de ninguém. Com esse dinheiro seria possível irrigar nossa propriedade totalmente, para plantarmos culturas como milho, feijão, tomate, mamão, inhame e batata. Esses alimentos seriam suficientes para nos mantermos", salientou Francisco Queiroz.



A situação sanitária onde vivem os índios é precária, gerando doenças